

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM CURSO
DE LETRAS – NÚCLEO DE SORRISO

A MÚSICA NA ESCOLA:
Um olhar sobre a Diversidade Cultural e Linguística

SINOP
2016

EPÍGRAFE

“O caminho que eu escolhi é o do amor. Não importam as dores, as angústias, nem as decepções que eu vou ter que encarar. Escolhi ser verdadeira. No meu caminho, o abraço é apertado, o aperto de mão é sincero, por isso não estranhe à minha maneira de sorrir, de te desejar o bem. É só assim que eu enxergo a vida, e é só assim que eu acredito que valha a pena viver.”

Clarice Lispector

SANTOS, Rosecléia Pereira, SILVA, Marcos Roberto Dantas, LEAL, Nubia se Souza. A Música na Escola: Um olhar sobre a diversidade cultural e linguística. 2016. 42 f. UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso. Campus Universitário de Sinop.

RESUMO

O trabalho atual tem por objetivo apresentar a importância de educação musical no contexto escolar, elucidando os principais benefícios do seu uso na escola. Ele aborda também a multiplicidade étnica musical e de linguagem através de um traçado histórico de preconceitos e intolerância mediante as diferenças linguístico-culturais no Brasil. Sua abrangência vai além do processo de aprendizagem da língua portuguesa aos aspectos sociolinguísticos na escola, através da contribuição da música no processo de aquisição de consciência e respeito às adversidades culturais e linguísticas. Esse estudo nos traz uma análise de músicas para compreensão das diferenciações da língua através de: Jeandot (1997)... Maria Hummes (2004). Sendo que o objetivo é ilustrar as características nas formas de comunicação, escrita e falada em diferentes regiões do país. Por meio deste pode se concluir que a música quando trabalhada corretamente no âmbito educacional possibilita ao aluno uma melhora de desenvolvimento da literatura, da fala e socialização, além de trazer lhe informações culturais de diferentes povos. Como metodologia se utilizou pesquisas bibliográficas e de campo com cunho qualitativo.

PALAVRAS CHAVES: Ensino de música. Variedade linguística. Contexto escolar.

ABSTRACT

The current study aims to present the importance of music education in the context, elucidating the main benefits of its use at school. It also addresses the musical language and ethnic multiplicity through a historic tracing of prejudices and intorelances by cultural linguistic differences in Brazil. Its scope goes beyond the process of learning the portuguese language to aspects sociolinguistic of school, through the contribution of music in the acquisition process of awareness and respect for cultural language adversity. This study brings us a music analysis for understanding the languag differences through: Jeandot (1997) ... Maria Hummes (2004). And that the goal is to illustrate the chacacteristic in forms of written commuincations and spoken in differents regions of country. By means that we can conclude that music when worked properly in the educational field allow to the student a improv development of speech, literature and socialization besides to bring cultural e informations from differents people. As methodoly was used bibliographical and field research with qualitative approach.

Keys- words: Music teaching . Linguistic variety. School context.

LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE	7
1.1 Sociolinguísticas: o estudo das variações	8
1.2 A variedade padrão e suas implicações no ensino.	10
1.3 Contribuições da sociolinguística educacional para o processo ensino e aprendizagem da linguagem	12
CAPITULO 2	16
MÚSICA E O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM	16
2.1 Funções da música na sociedade e na escola	19
CAPITULO 3	24
MÚSICA NA ESCOLA: DOCUMENTOS OFICIAIS	24
3.1 A Lei 11.769	24
3.2 Os parâmetros Curriculares Nacionais (PCN ARTES)	26
Expressão e comunicação em Música: improvisação, composição e interpretação:	28
CAPITULO 4	30
METODOLOGIA E ANÁLISE	30
4.1 novas possibilidades	31
4.1.1 Análise da Canção I: Tristeza do Jeca	31
4.1.2 Análise da Canção II: Asa Branca	32
4.1.3 Análise da Canção III: Canto Alegretense	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.	38
REFERÊNCIAS	39

INTRODUÇÃO

Ao longo de nossa história, têm existido preconceitos relações de discriminações e exclusão social, que impedem muitos brasileiros de ter uma vivência plena de sua cidadania.

A música pode contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e mais crítica. Sabendo que as qualidades das letras das canções influenciam no vocabulário do seu povo, é importante explorar e conhecer características marcantes da música das principais etnias que compõem o Brasil.

Conforme Jeandot (1997, p.12) “A música varia de cultura para cultura, envolve a maneira de cantar, de organizar os sons e definir notas básicas e seus intervalos”. Um bom exemplo são as músicas que são cantadas no nordeste do país, como a folclórica “*Asa Branca*”, de Luiz Gonzaga, que retrata a pobreza e a seca nordestina enquanto que, a canção sertaneja “*Tristeza do Jeca*” de Tonico e Tinoco expõe a tristeza de um sertanejo falando do sertão onde nasceu.

O Brasil é um país que, tradicionalmente acolhe imigrante vindo de diferentes lugares do mundo. Sua população foi formada inicialmente por povos indígenas, que habitavam as terras brasileiras antes do descobrimento. Nossa multiplicidade étnica foi reforçada a partir do século XIX quando grupos de imigrantes de diversos países vieram ao Brasil. O processo de miscigenação entre africanos, europeus e indígenas foi fundamental para a multiplicidade da população brasileira.

Toda essa multiplicidade étnica influi no linguajar do seu povo, ampliando e de certa forma criando um vocabulário próprio que muitas vezes é alvo de preconceito e intolerância por parte de outros grupos.

Conviver é um procedimento muitas vezes difícil nos ambientes escolares, e vários são os fatores que motivam essa dificuldade. Dentre tantos, um motivo de grande relevância é a diversidade cultural e de etnias enfatizada, especialmente nos diferentes vocabulários acompanhados da regionalidade dos sotaques e do leque extenso de diferentes palavras com a mesma conotação. A música insere-se no contexto educacional como uma ferramenta de aproximação, pois carrega a cultura de cada povo mostrando suas diferenças e costumes.

A presença da música na vida dos seres humanos é incontestável, ela tem acompanhado a história da humanidade ao longo dos séculos e exerce as mais diferentes funções se fazendo presente em todas as regiões e culturas podendo ultrapassar as barreiras

do tempo e do espaço, firmando-se como uma das mais importantes formas de comunicação.

Essas peculiaridades que causam confronto e desrespeito dentro e fora do ambiente escolar dificultando a convivência podem ser combatidas através da música, de forma que as crianças aprendam a conhecer, entender e admirar os costumes das diferentes culturas.

A música trabalhada no contexto educacional possibilita ao aluno desenvolver a leitura, fala e socialização, além de aprender sobre diversidade cultural e linguística de diferentes povos.

Esse estudo tem por finalidade propor e elaborar uma pesquisa que apresenta, por intermédio da prática musical em sala de aula, procedimentos de apresentação e apreciação das diferenças culturais e linguísticas por meio de canções folclóricas e regionais no processo educacional, mostrando as peculiaridades nas formas de comunicação escrita e falada nas regiões do Brasil.

As diversas áreas de conhecimento podem ser estimuladas através da prática musical em sala de aula, pois se trata de uma forma universal que desperta no indivíduo a expressão dos seus sentimentos, ideias, valores culturais, estimula a memória e a inteligência, relacionando-se ainda com habilidades linguísticas e lógico matemáticas.

Mediante ao exposto a pesquisa se desenvolverá em quatro capítulos: o primeiro capítulo abordará Língua, Cultura e Sociedade, que falará também sobre, Sociolinguística, o estudo das variações, a variedade padrão e suas implicações no ensino, Contribuições da sociolinguística educacional para o processo ensino e aprendizagem da linguagem.

Enquanto o segundo capítulo apresentará Música e o Processo de Ensino e Aprendizagem, e também abrange os aspectos das funções da música na sociedade e na escola. O terceiro capítulo falará sobre Música na Escola, documentos oficiais, e também sobre a Lei 11,769, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs Artes).

O quarto e último tratará Metodologia e Análise, novas possibilidades e as reflexões finais sobre a importância e relevância do trabalho apresentado, mostrando perspectivas futuras que poderão trazer benefícios no processo de implantação destes ideais em sala de aula. A fundamentação teórica terá embasamento em autores como: Jeandot (1997), Borges (2003), Bastião (2003), Borin (2002), Moura (1999), Weigel (1988), Barreto (2000), Rosa (1990), Ferreira (2002), Beineke (2001), Penna (2012), Paz (2000), Del Bem; Hetschuke, (2002), Hummes (2004), Souza (200), Merriam (1964), Freire (1992), Moraes (1999,2012), Campbell (1998), Gfford (1988), Bresler (1996), Figueiredo (2000), PCNs (1997,1998), Minayo (1990,1994). Fonseca (2002), Rebouças (1997).

CAPITULO 1

LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE

A língua falada por todos é sempre continuidades históricas. As mudanças temporárias fazem parte da história da língua, assim há fatores diversificados dentro de um mesmo grupo de falantes, pessoa de diferentes origens, idades e sexo tem falas distintas. Conforme Borin (2002), em um fascículo de introdução aos estudos linguísticos alguns fatores estão diretamente relacionados às variações sociais. Alguns exemplos são:

Classe social – é fácil apontar as diferenças de variantes linguísticas usada em uma determinada classe, como na sala de aula a fala dos alunos e a linguagem da professora mostra a diferença de variantes linguísticas.

Idade – pode ser observada a variação entre os avós e os netos; uso de léxico particular, gírias que é excelente para mostrar essa variação.

Sexo – a linguagem difere entre a mulher e o homem no tom de voz, no ritmo, emprego no vocábulo, a duração de vogais em recurso expressivo há também o diminutivo que costuma haver na fala feminina, assim a linguagem reflete o fato social.

Situação ou contexto social – todo ser altera sua fala de acordo com seus interlocutores, se é mais velho ou superior, quando se encontram em um bar ou em uma conferência cada comunidade varia sua fala segundo a situação que se encontra, no lar ou nas atividades de lazer há mais variação linguística do que na escola ou na igreja, em uma entrevista de emprego, por exemplo, deve obedecer a certos critérios de uma linguagem mais formal.

A variedade linguística depende da situação que o participante se encontra, quem aprende a falar na convivência, aprende quando deve ficar em silêncio. O membro da comunidade obtém competência comunicativa e sociolinguística com respeito ao uso apropriado a língua, e algumas mudanças podem ocorrer:

Mudança Metafórica – é quando um participante decide mudar de variedade linguística sem que tenha mudanças, ou seja, usar uma palavra com ironia.

Variações Estilísticas ou Registros – são variações relacionadas ao contexto, ocorre quando diversificamos fala em função das ocorrências, em que acontecem suas interações verbais, a utilização do estilo formal em ligação ao informal exige ação mais consciente.

Em uma comunidade de fala qualquer um pode perceber a variedade linguística, há uma ordenação valorativa das variedades linguísticas em uso, refletindo nos grupos sociais.

Em todas as comunidades existem variações superior e inferior. “Uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais” (GNERRE,1985, p.4).

Borin (2002), afirma que o homem é um ser social pela necessidade de se comunicar, no entanto a comunicação vem de uma forma espontânea através da fala, como foi dito muitas vezes por Aristóteles. Assim, a língua se torna um meio de comunicação onde o homem pode expressar suas ideias trazendo a marca de sua cultura e origem, pois a língua é um instrumento muito privilegiado.

Borin (2002), afirma que sociedade cultura e linguagem estão interligadas e linguistas e antropólogos trabalham juntos de modo integrado, por isso a sociolinguística tem um caráter interdisciplinar, é um fenômeno social e se relaciona com outras disciplinas como: sociologia, psicologia, biologia, fonoaudiologia, e várias outras.

1.1 Sociolinguísticas: o estudo das variações

Alkmim (*Apud* Borin 2002), afirma que a base da construção do ser humano é a conexão entre linguagem e sociedade. Schleicher (*Apud* Borin 2002) tem uma visão naturalista, a língua é um instrumento mais adequado para a classificação social e da humanidade, a diversidade da língua depende da variedade do cérebro de acordo com suas raças.

Borin (2002) destaca, a importância de notar que não é determinante a junção entre linguagem e sociedade, ao mencionar determinação está aqui falando de uma referência direta do trabalho do teórico Saussure (*Apud* Borin 2002) assim lembrando que para o autor a língua é um sistema invariante, que pode ser visto na fala. Saussure (*Apud* Borin 2002) foca no caráter formal e a estrutura linguística, distanciada das variações da fala.

Bakhtin (*Apud* Borin 2002) ficou muito famoso ao publicar o esquema da comunicação que determina as funções da linguagem, ele ressalta em suas teorias a comunicação social, afirmando que a língua abrange a heterogeneidade da fala, em um conjunto social se cria a linguagem. Já Jakobson (*Apud* Borin 2002) destaca o processo comunicativo são também os aspectos da língua.

Benveniste (*Apud* Borin 2002) salienta que a língua é o interpretante da comunidade, pois é a língua que domina o grupo social, a língua e sociedade é a concepção da construção do homem nas relações estabelecida pelos povos.

Toda língua falada por uma comunidade existe variações toda língua é representada por um conjunto de variedades. Língua e variação caminham juntas, a sociolinguística

enfrenta a diversidade da linguística como qualidade constitutiva do fenômeno linguístico. Já Labov (*Apud Borin 2002*) estuda a heterogeneidade linguística destacando que todo fato linguístico está ligado ao fato social, pelo fato de ser o representante da teoria da variação linguística. Ele fixou o termo sociolinguística em 1964, e decretou um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social de comunidade urbana, conhecida como teoria da variação. Com papel definitivo dos fatores sociais diversidade linguística Labov (*Apud Borin 2002*) relaciona fatores íntimos ao comportamento linguístico.

O objetivo da sociolinguística e a língua falada descrita observada, assim a pesquisa e feita através de entrevistas, depois analisada em seu contexto social ponto inicial e o grupo linguístico, um conjunto de pessoas interagindo verbalmente compartilhando um conjunto de normas a respeito dos usos linguísticos.

A fala de um grupo social, que se constitui por pessoas que se comunicam do mesmo modo, nas comunidades que relacionam por meio de redes comunicativas diversas, interage verbalmente por um mesmo conjunto de regras.

A sociolinguística estuda a variação da fala de estrangeiro e brasileiro, estudantes, surfista, imigrantes, caipiras, gaúchos e vários outros, ou seja, a comunidade linguística que apresenta variações ou diversidades, pois cada comunidade tem um modo diferente de falar. O grupo de diversidade linguística sendo usada para comunicação é chamado de repertório verbal.

Borin (2002) enfatiza que devemos relacionar as variações linguísticas observáveis nas comunicações às diferenças existentes na mesma sociedade, para que haja um bom desenvolvimento sobre diversidade linguística nos estudos. A autora ressalta que a mudança social acaba interferindo na língua, porém prova que o valor social tem efeito sobre ela lembrando que, a sociolinguística estuda relações da língua com a sociedade (diversidade linguística). Porém, a sociolinguística estuda em geral, língua, relação entre a estrutura e aspecto social e cultural, pois ela é uma instituição social que não pode ser estudada como estrutura autônoma.

A sociolinguística trabalha todas as manifestações verbais das variações linguísticas, o principal objetivo e estudar os fatores das variações das línguas e a importância que apresentam as variações, já que as variações é o fenômeno cultural incentivado por fatores extralinguístico de diversos tipos. Destacamos aqui vários conjuntos de fatores, são eles:

A identidade social do emissor ou do falante – o falante deve ter cuidado com a linguagem, lembrando que cada posição social haverá uma linguagem diferenciada, podese perceber entre a comunicação entre as pessoas, temos como objeto de estudo dialetos de diferentes classes sociais e entre fala feminina e masculina.

Identidade social do receptor ou ouvinte – estuda-se a língua na comunicação, repassando via linguagem tem como exemplo quando um adulto se comunica ao dirigir aos bebês.

Contexto social – estuda a diferença entre a forma formal e a informal que se encontra nas línguas.

O julgamento social distinto – são as atitudes linguísticas que os falantes fazem do próprio comportamento linguístico.

O costume de discutir as regras de bom uso correspondente aos costumes da variação padrão. Mas, cada época determina e que considera como forma padrão, assim seja o que era padrão hoje pode tornar-se – se não padrão e o que não era padrão pode se tornar padrão. Para a sociolinguística os diferentes linguísticos são vistos como inerente ao fenômeno linguístico.

1.2 A variedade padrão e suas implicações no ensino.

A variedade que não se assemelha à dominante padrão pela sociedade sofre grande preconceito e é eliminada excluída das rodas da sociedade que tem acesso à educação de qualidade, esse preconceito é chamado de preconceito linguístico.

Bagno (*Apud* Borin 2002) ressalta que o preconceito linguístico é discriminar uma pessoa pela identidade social. Esse tipo de preconceito é cometido por pessoas que tiveram uma educação de qualidade, chamado de “norma padrão de prestígio” assim ocupa uma classe social mais elevada. E, com intuito de defender a língua portuguesa, acreditam que o falar de uma pessoa que não teve oportunidade de ter uma educação de qualidade seja “feio” e creem que o diferente é “erro” Assim, preconceito linguístico “social” não se refere à forma de falar, mas sim a identidade social e individual do falante.

Existem vários tipos de preconceitos, como: racial, com homens, mulheres, pobres, negros, muitos outros cometidos por várias pessoas, mas o preconceito linguístico é considerado destaque devido a constante ocorrência do que Marcos Bagno (*Apud* Borin 2002) chama de “mitos”, alguns deles:

Mito nº 1, A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente: esse mito é muito grave, atrasa a educação, pois há um grande abismo entre os falantes da variedade não padrão, parte da população e os falantes da suposta variedade culta, que é então a língua ensinada na escola. Há muitas variedades no Brasil e pensar o contrário só pode ser mito.

Mito nº 2: Brasileiro não sabe português/Só em Portugal se fala bem português: Bagno *Apud* Borin (2002) diz que há uma grave diferença, na linguagem falada e na culta, pois na maioria das vezes cria-se a compreensão em um determinado momento, do que é certo e o que é errado, levando em conta o natural no uso da língua materna. A língua na regra gramatical que dita por certa é a usada por Portugal, assim fica claro que os brasileiros só sabem o português do Brasil, que é a língua materna usada pelos brasileiros. Tomando assim nenhum dos dois estão errados, eles são diferentes, pois entendem a necessidade linguística da sociedade em que vive.

Mito nº 3: “Português é muito difícil”: é um preconceito prejudicial para a cultura da sociedade, quando aborda a gramática brasileira e a língua falada, tem como ideia que o português é muito complicado acaba assim privilegiando as classes sociais mais elevadas. Falando de ensino no Brasil, quando o ensino público tiver uma atenção maior poderá deixar de ser considerada difícil.

Mito nº 4: “As pessoas sem instrução falam tudo errado”: a sociedade fala a língua de onde ela se concentra do grupo social em que vive e de sua classe social. Se no Nordeste o modo de vida é considerado mais subdesenvolvido, a concentração de pessoas de classe baixa e maior, automaticamente a língua falada também será considerada mais decadente.

“Mito nº 5: O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão”: é inexistente a variação regional, nacional, e local que seja boa, não existe uma comunidade de falante “melhor” ou “pior” do português, devemos então respeitar por igual todas as variações que fazem parte da nossa rica cultura.

Mito nº 6: “O certo é falar assim porque se escreve assim”: esse mito foca na valorização da língua escrita em relação à falada, na escola é necessário fazer com que se aprenda a escrever de acordo a ortografia oficial, considerando correta, mas não se pode fazer uma língua artificial e considerar “errado” as ocorrências naturais, não há nenhuma ortografia nem língua no mundo que consiga a fala fielmente, como prescrita.

Mito nº 7: “É preciso saber gramática para falar e escrever bem”: é um dos mitos mais delicados, sendo que ao ensino da língua é uma exigência da gramática, no entanto, com o passar do tempo tornou-se um instrumento ideológico de poder e controle social. A gramática depende da língua, pois a gramática cumpre o papel de definir e identificar o falante culto e descreve a língua de forma clara e objetiva.

Mito nº 8: “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social”: o domínio de uma norma culta não irá resolver todos os problemas de uma sociedade carente, e necessário que se tenha uma atenção maior também aos bens culturais, saúde, habitação uma vida mais digna.

Devemos rever que a sociedade deve compreender que não existe português correto ou incorreto, mas sim modalidade de prestígio e desprestígio que corresponde ao meio do falante, é preciso que o aluno não abandone sua modalidade em seu meio, no entanto, a prática da norma culta é indispensável para a vida social do mesmo, porque dela poderá necessitar em determinadas situações da vida.

Poderiam ser trabalhadas as variantes linguísticas nas instituições de ensino de forma que o educando compreendesse as normas e suas variantes, mostrar aos alunos a língua materna observando o que é adequado e inadequado, de uma maneira que as classes sociais desprivilegiadas teriam a oportunidade aos objetos culturais obtendo prestígio.

Porém, de acordo com Borin (2002) as escolas de ensino público privam a oportunidade do aluno de aprender sobre a língua materna e das variações linguística existentes, deixando-as em um patamar diferenciado sem constituir valor.

Muito importante que os professores repassem o conhecimento para os alunos da linguagem formal e informal, das variantes linguísticas, assim os alunos compreenderão como usa-la e onde usa-la, e de suma importância também que reflitam o que é “certo” e “errado” considerando diversas linguagens sociais existentes.

Para dar fim ao preconceito é importante que haja democratização da sociedade que a oportunidade seja igual para todos, conhecendo e respeitando as diferenças. A palavra preconceito significa “pré” conhecimento de algo, a partir do momento em que se estuda a fundo um determinado assunto passa-se a adquirir respeito não discriminação.

A música pode ser uma ferramenta para combater este preconceito porque apresenta uma diversidade de formas e jeitos de se falar sem que haja distinção, pois é algo considerado normal.

A música traz variedades linguísticas para dentro da escola a partir das letras, variedades essas, advindas de muitas regiões, e os alunos vão entrando em contato com essas variações.

Esse contato servirá para que tenham um bom conhecimento sobre as variações linguísticas e não sintam estranheza ao ouvir uma variedade que não conheça, amenizará o preconceito com outras variedades linguísticas.

1.3 Contribuições da sociolinguística educacional para o processo ensino e aprendizagem da linguagem

Para Cavalcante (*Apud* Borin 2002) proporciona um apanhado de apoio linguístico denominada de sociolinguística educacional, essa corrente tem se expandido sobre muitos fenômenos da variação linguística que acontece no português brasileiro.

Compreende-se que o estudo e o conhecimento podem ajudar na qualidade no ensino da língua portuguesa, análise fundamentada na sociolinguística educacional comprova que é possível trabalhar práticas de linguagem no intuito de ajudar os alunos de classe social baixa, os menos favorecidos, fazendo com que eles aprendam em relação à língua utilizada pela escola, e que assim o aluno possa a participar de uma forma igualitária, respeitando os domínios linguísticos.

A língua ensinada na escola não é a variedade da língua dos alunos de classe social baixa, eles não têm sua variedade de língua valorizada, e também não é colocada como objeto de estudo na sala de aula, muitas vezes o usuário dessa língua é discriminado pelo modo de se comunicar.

As dificuldades encontradas, não e pelo fato da falta de capacidade dos alunos de classe social baixa, estão relacionadas ao desconhecimento da própria escola em relação à variedade linguística existente no Brasil, que tenta ensinar a língua materna como se ela fosse algo intocável.

Como afirma a autora, a língua portuguesa não é neutra, sofre variação e mudanças, ou seja, ela não está pronta, encontra-se em permanente processo de mudança e expressa a variedade de grupo social de falantes.

Labov *Apud* Borin (2002) ressalta que as variações ocorrem em todas as línguas, sendo assim essencial ao sistema linguístico, sempre existiu e sempre existirá, não importa qual e a ação normativa, Portanto, quando pensamos em língua portuguesa, estamos pensando em um objeto que se compõe de muitas variedades, há no Brasil várias unidades linguísticas e apenas uma língua nacional, sendo possível observar as variações de vários níveis, vejam alguns: (tia/tchia), (porta/porrrta), (televisão/tElEvisão), no emprego das palavras, (macaxeira/aipim/mandioca), (menino/garoto/guri), (você/tu), na morfologia e na construção sintática, (eles falam/eles fala), (nos falamos/ a gente fala).

Esses foram alguns exemplos de variação linguística que identifica uma comunidade de falar diferentes, como também em uma mesma comunidade de fala, pois não existe uma variedade fixa, podendo haver várias diferentes variedades linguísticas em um mesmo espaço social, (padrão e não padrão) sempre associada a diferentes valores sociais.

A variação não ocorre aleatoriamente de acordo com (MOLLICA 1992; SCHRRE 1996); e outros, é governada por restrição linguística e restrição não linguística, passiva de descrições. Por esse motivo, não devemos agir com indiferença perante a produção textual,

tanto oral ou como escrita, que por sua vez apresenta variação. Mas, agir naturalmente, sem preconceito, e com sensibilidade. Não podemos esquecer que algumas variedades linguísticas são muito discriminadas, não porque essas variedades são inferiores, mas quase sempre relacionada pela forma como é vista pela sociedade.

Para trabalhar as variedades linguísticas o professor deve introduzir e ao mesmo tempo respeitar e conhecer outras variações dos alunos, (MOLLICA 1998); outra prática de ensino e aprendizagem é o próprio texto dos alunos, tanto escritos como orais. Isso não significa a renúncia da língua culta, pois continua sendo uma variante de conceito, e de extrema importância que seja trabalhando dentro da sala de aula, mas o aluno além de aprender uma norma culta tem de saber que em toda variedade linguística há uma história e é a cultura humana. Dessa forma estaremos enriquecendo o dialeto do aluno e acrescentando a possibilidade linguística, tornando o aluno usuário competente da língua da norma culta.

Tornar competente o usuário da norma culta não significa que ele possa decorar todas as regras da gramática normativa, ou a fala correta, mas sim que o aluno possa falar de uma forma adequada para cada tipo de ouvinte. Afirma Santo e Cavalcante (*Apud* Borin 2002) que seria de extrema importância que se trabalhasse variedade linguística em sala de aula, fazendo que produzisse texto e que fosse explorado ao máximo analisando em conjunto os recursos de expressão e variedade linguística.

Temos aqui alguns teóricos dando base nas orientações, (BAGNO, 1997, 1998, 1999; CASTILHO, 1998; MOLLICA, 1992, 1998; MOURA, 1996, 1997, 1999; RAMOS, 1997; TARALLO, 1989, 1990) Santos e Cavalcante (op.cit) nos mostra algumas estratégias a ser usada para trabalhar a variação linguística tanto com a língua falada como escrita:

1. Mostrar texto e gravações produzidos oralmente para apresentar aos alunos a diferença da fala e da escrita, esses textos podem ser dos próprios alunos ou de outra pessoa.
2. Colocar os alunos para ouvir e escrever o que está ouvindo para depois fazer uma comparação, do registro das palavras com a grafia padrão.
3. Pedir para que o aluno faça uma entrevista em casa, gravando áudio, e importante que marque a data de nascimento do entrevistado, grau de escolaridade e o local onde mora, sexo. Lembrando que juntamente com o professor o aluno irá organizar a entrevista. Logo após a entrevista o professor pedira para o aluno que faça análise de alguns recursos linguísticos da língua falada tais como: “bom”, “ah” “ah”, “viu”, “né? ”, “pois é”, “oxi”, “nossa que coisa! ”, “é mesmo? ” Conhecido como marcadores discursivos.

O professor poderá pedir para que o aluno faça um levantamento sobre variedades regionais, (carrni/carne, mutcho/muito, guri/criança, macaxeira/aimpim/ mandioca, tu/você,

etc.), essa pesquisa poderá ser feita através de filmes, novelas, teatro, até depoimento de pessoas que acabaram de vir de outra região do país.

Moura (1999, p. 61-63) afirma que, “o ensino de língua pressupõe o conhecimento da realidade linguística dos usuários dessa língua”. Em alguns momentos a linguagem culta se faz necessária, dependendo dos ambientes em que os indivíduos se encontram, determinados locais exigem a presença da norma culta, o desconhecimento dessa variedade linguística tem contribuído para que algumas variedades não padrão sejam alvo de discriminação, fazendo com que os seus falantes sejam alvo de preconceitos.

Segundo Bagno *Apud* Borin (2002) alguns preconceitos entre vários mitos sobre o ensino de Língua Portuguesa, precisam acabar não só pelos professores da língua portuguesa como também com a sociedade em si, pois acaba prejudicando o aluno causando estrago enorme na vida dele, já tende a ter vergonha da sua própria fala. E de urgência que esse conhecimento sobre a variação linguística saia das universidades e venha ser socializada entre os professores de Língua Portuguesa, para que esse benefício seja passado para os alunos.

Portanto, o conhecimento e respeito à variação linguística dentro ou fora da sala de aula não ocorre do dia para noite, e um trabalho minucioso um processo contínuo, a variação linguística tem um papel fundamental no desenvolvimento do desempenho linguístico e na formação de uma consciência linguística que terá um resultado excelente na construção da própria cidadania.

Assim, percebemos que a música pode ser uma ferramenta para apresentar a cultura de cada povo, com ela os alunos irão conhecer a fundo a cultura de cada região, o vício da fala, sotaques, terão o conhecimento da história de cada região. As músicas destacadas para análise são um exemplo de textos que são clássicos e circulam na sociedade, sendo uma forma de mostrar aos alunos a realidade social a que cada uma está conectada.

Afirma Laraia *Apud* Borin (2002) que o costume de cada pessoa, a cultura, influencia no comportamento social e diversifica a sociedade. Segundo Geertz *Apud* Borin (2002) “a cultura é a mediação entre o poder e o objetivo de sua ação”. A cultura e o homem caminham juntos, pois, sem cultura, não há homem e sem homem não há cultura.

CAPITULO 2

MÚSICA E O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

A aquisição linguística faz parte da formação humana, a escrita é um elemento da formação cultural, a escola tem a função de promover e capacitar os alunos para ler e escrever, fazendo com que o aluno estabeleça relação entre a linguagem e a escrita. A música pode contribuir de forma significativa para o aluno a construir seus conhecimentos acerca da leitura e da escrita. Cagliari afirma que este processo:

Inclui muitos fatores, e, quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como o aluno se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como vem evoluindo o seu processo de interação social, da natureza da realidade linguística envolvida no momento em que está acontecendo a alfabetização, mais condições terá esse professor de encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem, sem os sofrimentos habituais, (CAGLIARI 2005, p.9).

É comum ouvir falar que a música pode contribuir para a aprendizagem, a mesma favorece o desenvolvimento cognitivo, linguístico, sócio afetivo e psicomotor do aluno, processos esses que se correlacionam. Weigel (1988) e Barreto (2000) alertam que por meio da música o professor tem a possibilidade de direcionar sua ação pedagógica, levando-os a uma formação crítica e sensibilizadora, criando ambientes de comunicação dialógica e de interação.

O papel da música na educação é importante para aluno na sua formação escolar, o contato com a música nas séries iniciais ajuda na sua alfabetização, comprovado cientificamente a música contribui também para estimular diversas áreas do cérebro.

Como Borges (2003) afirma:

Música é arte [...] seu papel na Educação Infantil é o de proporcionar um momento de prazer ao ouvir, cantar, tocar e inventar sons e ritmos. Por este caminho, envolve o sujeito como um todo, influenciando, benéficamente, nos diferentes aspectos de sua personalidade: suscitando variadas emoções, liberando tensões, inspirando ideias e imagens, estimulando percepções, acionando movimentos corporais e favorecendo as relações interindividuais, (BORGES, 2003, p.115).

A autora deixa claro a contribuição que a música exerce na formação escolar humana e emocional das crianças, tornando o desenvolvimento uma ação integrada, entre outros, a parte verbal e musical.

Introduzir a música no ambiente escolar, é um caminho para ultrapassar as fronteiras que são estabelecidas entre as pessoas no decorrer de uma educação, muitas vezes carregada de preconceitos pela falta de entendimento da diversidade cultural. Conforme Ferreira (2002, p.13) “com a música, é possível ainda despertar e desenvolver nos alunos sensibilidades mais aguçadas na observação de questões próprias à disciplina alvo”.

Uma metodologia relevante nesse aspecto é a apresentação e apreciação de canções folclóricas e regionais por parte do aluno na etapa inicial do ensino fundamental, mostrando as diferentes formas de comunicação escrita e falada, pois “as cantigas de roda têm grande valor educativo, pois favorecem diversos aspectos do desenvolvimento infantil facilitando a socialização, a coordenação visomotora, a percepção visual, o raciocínio lógico e a linguagem verbal” (ROSA, 1990 p.86).

Cantigas de roda são de fácil interpretação, fácil de cantar, geralmente possuem letras mais curtas, o que facilita o aprendizado e a memorização, facilitando para que o aluno consiga perceber a forma da escrita e fazer sua relação com a linguagem falada.

Bastião (2003 p. 883-896) expõe que “a prática da apreciação pode ser mais abrangente e significativa para o aluno, se o professor possibilitar que o mesmo responda à música de formas diferenciadas, com o que pensa, sente e vivência de acordo com a sua experiência”.

Para Beineke:

[..]o professor deve procurar conhecer todos os tipos de músicas envolvidas no meio social dos alunos, bem como as representações utilizadas por eles, observando os objetivos da educação para a compreensão da cultura musical e buscando encontrar a ideia-chave que sirva para que os alunos estabeleçam correspondência com outros conhecimentos e com sua própria vida, (BEINEKE 2001 s/p).

Para facilitar a aprendizagem, o professor ao levar uma música como meio facilitador da aprendizagem é bom escolher uma que seja conhecimento da turma, que esteja presente no seu dia a dia promovendo assim a ação participativa onde o aluno se sente integrado ao processo de aprendizagem.

Quando o aluno se sente engajado no processo, a aprendizagem passa a fazer mais sentido. A música faz com que o aluno solte seu imaginário e, sobretudo cria oportunidade de crescimento em condições de igualdade para os alunos, com muito mais entusiasmo, assim a música possibilita uma reflexão maior, proporcionando ações que geram mudanças na vida.

Penna alerta que:

A área de educação musical tem, no entanto, cada vez mais fortalecido o seu compromisso com a educação básica, com um aumento dos estudos acerca da prática nas escolas, seja para conhecer seja realidade, seja para propor alternativas para esse contexto educativo (PENNA, 2012, p. 151).

Também, se observarmos atentamente poderá notar que em todas as culturas existentes em todos os países há aluno desfrutando da música com todas as formas possíveis de movimentos, cantos, imaginações e inúmeras ações demonstradas através de gestos e brincadeiras, construindo neles a possibilidade prazerosa e favorável em buscar o equilíbrio físico e o equilíbrio emocional, coordenação motora, à socialização e ao desenvolvimento expressivo.

O ensino de música deve ser desde o começo, uma força viva. [...] a criança, muito antes de dominar as regras gramaticais, utiliza palavras com fluência e formula frases já com entonação. A linguagem é, para ela, uma coisa viva e, não, regras no papel. Deve-se educar o ouvido para que sejam sentidas, perfeitamente, modulações e combinações sonoras diversas. Deve-se deixar o aluno perceber a harmonia com seu próprio ouvido, antes de se deparar com o ensino da mesma. O conhecimento das regras não deve ser o objeto e, sim, uma necessidade a ser atendida em tempo devido. (PAZ, 2000, p.16-17).

O ser humano tem contado com a música desde útero da mãe, a música sempre esteve desde o início. PAZ (2000, p.16-17), deixa claro que trabalhar com a música deve ser desde o começo. Sendo assim, a música na fase inicial é mais fácil de ser ensinada e traz para o aluno benefícios como trabalhar a coordenação motora, socialização, comportamento, ouvido musical, cultura de todos os povos, trabalha-se também a linguagem e a memorização, contudo terá um bom desenvolvimento em sala de aula em outras disciplinas também, pois o educando tem um desenvolvimento melhor e deve se educar o ouvido desde início.

A cada grau de escolaridade a música ira se aprofundando mais, no tempo certo da criança, portanto já terá uma noção maior, e facilitará a forma de ser trabalhada, como criação de poemas, rima, tendo no início a base pronta assim simplificará a maneira de ser educada no passar dos tempos.

A música também pode ser de grande contribuição para que o aluno desenvolva todas as suas potencialidades, faz com que o mesmo domine as diversas áreas do conhecimento e encontre mais facilidade em aprender coisas novas.

Diante do exposto Del Bem e Hertschuke afirmam que:

A música pode contribuir para a formação global do aluno, desenvolvendo a capacidade de se expressar através de uma linguagem não verbal e os sentimentos e emoções, a sensibilidade, o intelecto, o corpo e personalidade [...] a música se presta para favorecer uma série de áreas da criança. Essas áreas incluem a “sensibilidade”, a “motricidade”, o “raciocínio”, além da “transmissão e do resgate de uma série de elementos da cultura”. (DEL BEM; HETSCHUKE, 2002, p. 52-53).

A música traz para aluno uma carga de benefícios tanto na vida escolar quanto na sociedade, ela educa e prepara o aluno para viver em meio à comunidade, resgatando a cultura de todos os povos, a contribuição que a música exerce na formação escolar humana dos alunos tornando o desenvolvimento uma ação integrada entre outros a parte verbal e musical.

2.1 Funções da música na sociedade e na escola

Júlia Maria Hummes (2004) trata a importância da música na sociedade como todo, pois a mesma está em variados locais: nos meios de comunicação, aparelhos de telefones tanto convencionais como celulares, internet, vídeos, lojas, bares consultório, hospitais, escolas, rituais, igrejas, nos eventos mais variados. Hummes cita o trabalho de Souza (2000) mostrando que no século XX o fenômeno mais importante foi o da multimídia, que oferece o som com imagem e movimento, assim tornou uns dos eventos mais marcantes no contexto técnico, e cultural.

A tecnologia, a vivência com os multimeios e suportes onde a música está sempre presente têm influenciado a educação musical também no sentido pedagógico. Merriam (1964, p. 209) relata que há diferença entre “usos” e “funções” da música, ele explica que o “uso” é utilizado em uma situação na qual se aplica nas ações humana; já a “função” diz respeito às razões para o seu emprego e, particularmente, os propósitos maiores de sua utilização. Allan Merriam (1964) destaca dez funções da música na sociedade:

Função de Expressão Emocional: que trabalha a liberação de sentimento emocional e a criatividade, uma forma de desabafo emocional.

Função do Prazer Estético: admiração do fazer musical, demonstrando para outras culturas que estão associadas à música e a ética, na cultura Ocidental, Arábia, Índia, China, Japão, Coreia, Indonésia.

Função de divertimento, entretenimento: essa função está em presente em toda a sociedade, tocar e cantar apenas, e um entretenimento junto com outras funções.

Função de comunicação: refere-se à música em forma de comunicação, a música não é uma língua universal, ela é um termo de cultura da qual se faz parte, “nos textos musicais

ela emprega, comunica informações diretamente àqueles que entendem a linguagem que está sendo expressa. Ela transmite emoção, ou algo similar à emoção para aqueles que entendem o seu idioma” (Merriam, 1964 p. 223).

Função de representação simbólica: é a função que trabalha música como símbolo que representa ideias e comportamento, desenvolvendo emoções por suas letras.

Função de reação física: a música tira respostas físicas e expostas à sociedade, ela pode também encorajar reações dos guerreiros.

Função de impor conformidades às normas sociais: como a música de protesto que chama atenção para algo indesejado, tanto direto como indiretamente.

Função de validação das instituições sócias e dos rituais religiosos: a música é utilizada em situações sócias e religiosas, são validados, os sistemas religiosos, e o folclore, mitos lendas e canções e música que demonstra normas religiosas, (Merriam, 1964, p.224).

Função de contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura: Merriam (1964) afirma que a função e controlar a sociedade errante dizendo o que é certo, assim contribui para consolidar a cultura, (Merriam, 1964, p.225).

Função de contribuição para a integração da sociedade: essa função promove uma integração, reúne grupos para que haja uma cooperação e coordenação, tem um local marcado toda sociedade assim atrai pessoas que recordam, (Merriam, 1964, p.226).

Swanwick (1997) analisa as funções principais por Merriam (1964) dividida em possibilidades, a transmissão cultural, ou a reprodução cultural, as funções de expressão emocional, prazer estético, comunicação e representação simbólica oferecem itens reprodutivos, também proporcionam probabilidade de metáforas que provocam novos significados. As funções de validação de instituições sociais, como rituais religiosos e culturais, não buscam e nem criam novos significados, o autor deixa claro que a criação a construção o desenvolvimento musical é uma forte meta, e muito importante para focalizar as funções da música não só apenas reproduzir, mas também para transformação cultural.

Assim o autor no seu livro *Ensinando Música Musicalmente*, onde comenta a lista de Merriam (1964), destaca a função da música não e só a reprodução, mas também para a reprodução de significados no discurso e alerta os que:

Os professores perderiam estudantes, caso se comprometesse somente com os tímidos e culturalmente limitados elementos da lista de Merriam, embora isso seja parte do que é feito. O foco educacional tem, acima de tudo, de estar nos verdadeiros processos do fazer musical. Somente então é possível dar sentido ao contexto, seja histórico, social, biográfico, acústico ou outro.
(SWANWICK, 2003, p. 50)

Freire (1992, p. 159) estudou a relação música e sociedade, teve também como base Allan Merriam (1964). Essa relação entre música e sociedade, vista no estudo de Freire (1992), veio confirmar que a música em meio à sociedade, e dentro da escola, terá um papel mais acentuado, pois pode ter um resultado fantástico.

Assim como feito por Freire, as listas de função de Merriam (1964) foram revisadas por muitos pesquisadores sendo como referência para refletir a sociedade com todas essas categorias, pensando-se que educação musical ainda pode ser modificada e reavaliada, conforme o contexto que estiver implantado.

Em meio à sociedade, a escola é uma parte muito importante, pois traz oportunidade no mundo em que se vive estabelecendo vários conhecimentos principalmente em relação música.

Outro elemento fundamental que a música traz em seu bojo são as questões de linguagem e a cultura, evidenciando em sua letra traços de cada uma contribuindo para a emancipação e propagação das mais diversas culturas.

O aluno tem contato com a música desde os primeiros meses de vida, e existe desde os primórdios dos tempos e conhecido por toda a humanidade servido para transmitir conhecimentos e valores sociais, bem como contribui para a propagação manutenção e disseminação da cultura. E, “mais importante: letras de canções podem revelar traços da evolução da língua, o que pode ser considerado, então, como um dos primeiros instrumentos pedagógicos do homem ao transmitir seus ritos e heranças culturais às novas gerações” (MORAES; PINHEIRO, 2012 p.14).

Tourinho (1993a) relata que a educação musical pode completar o “tempo” “espaço” na divisão das atividades escolar, tornando o dia-a-dia do aluno mais organizado, doutrinando a rotina do aluno.

A criança capta seu próprio gosto musical, e criam suas próprias músicas fora da escola, Campbell (1998, p. 181) deixa claro que a música este presente na vida das crianças e elas aproveitam o máximo. Assim, dando seguimento para educação musical e importante destacar que, os alunos tanto criança como jovem variam seus estilos musicais por esse motivo precisam de uma instrução. Nesse contexto, além das músicas tocadas na mídia e de entretenimento os alunos precisam conhecer outras músicas que são usadas para cultos, trabalho, isolamentos e meditação.

Del Bem e Hentschke (2002) observam que os professores defendem que a música e tão importante quanto qualquer outra disciplina, alguns teóricos como Gfford(1988), Tourinho (1993^a) e Bresler (1996), tem baseado nas categorias de dados coletados os seguintes papéis: música como terapia e auxílio do desenvolvimento de outras disciplina,

mecanismo de controle, prazer, divertimento e lazer, por meio de trabalhar práticas sócias, valores e tradições culturais dos alunos, também quanto disciplina autônoma.

Podemos observar que a música está ligada mais na emoção e no contexto cultural, do que os elementos próprios à música, No entanto, seus benefícios são inquestionáveis, não só no sentido estético, como em toda formação humano do sujeito. Isso por que:

A música pode contribuir para a formação global do aluno, desenvolvendo a capacidade de se expressar através de uma linguagem não-verbal e os sentimentos e emoções, a sensibilidade, o intelecto, o corpo e a personalidade [...] a música se presta para favorecer uma série de áreas do aluno. Essas áreas incluem a “sensibilidade”, a “motricidade”, o “raciocínio”, além da “transmissão e do resgate de uma série de elementos da cultura”. (DEL BEN; HETSCHKE, 2002, p. 52-53).

Gifford (1988) estuda nas entidades escolares australianas, em especial a educação musical, no currículo escolar e destaca algumas funções da música e sua importância, reforçando que a mesma tem vários papéis uma linguagem que formula significações pelo som. O autor destaca algumas das funções que a música adota na educação musical, são:

Música como diversão e prazer; música e educação para o lazer; música e transferência do saber; música e integração; música como agente socializante; música como herança cultural; música como auto-expressão ou expressão das emoções; música como linguagem; música como conhecimento; música como educação estética (GIFFORD, 1988, p. 115140).

A música está na nossa vida o tempo todo, como divertimento e como aprendizado, ela exerce variadas funções ajudando no desenvolvimento do aluno trazendo muitos benefícios para a sociedade, principalmente para alunos em estado de risco como alunos que tem envolvimento com drogas e violência, pois a música trabalha o raciocínio, emoção, cultura, educação e interação na sociedade. As categorias listadas por Merriam (1964) destacam que a música tem várias funções, não só na sociedade como também na escola, principalmente nos dias de hoje, com a tecnologia ela está presente na vida do aluno, no celular, TV, no rádio, CD, Pen drive, na igreja, festas, enfim diariamente.

Sobre o tema deste trabalho, entendemos que a música na escola, principalmente nas aulas de português, pode servir ao propósito de se debater as diferenças culturais e linguísticas de nosso país, pois ajudara a sociedade e entidade escolar no desenvolvimento escolar e social. Por meio da música, ela trabalha no aluno suas disciplinas socialização, desenvolve sua criatividade, e coordenação motora. As funções de Merriam (1964) ressaltam

que o aluno libera o sentimento, criatividade, passa a ter o conhecimento de outras culturas, e a música também pode até ser uma forma de prazer e divertimento, desenvolvendo a comunicação e socialização. A música prepara o aluno a conviver no meio da sociedade, disciplinando, assim como Tourino (1993a) destaca, a música organiza o tempo e espaço ajudando a doutrinar a rotina do aluno, e facilita o trabalho com os alunos, principalmente os mais agressivos.

Cada um carrega sua identidade cultural diferenciada, isso acontece por vários motivos como: algumas culturas são muito mais antigas que as próprias nações em que vivem outras formadas por várias outras culturas misturadas, culturas diferenciadas por classe social, (costumes, comportamento), como há muita diferença dos costumes do Norte e do Sul, portanto com essa diferença causa a estranheza. Através da música passando os alunos a história de cada música e tocando, cantando, podem-se sanar essas estranhezas, pois se observa também que na sala de aula de música nas escolas há diversas identidades diferentes pode-se assim unir um grupo maior, um grupo de várias culturas diferente classe social diferente, havendo a troca de informações.

Portanto, de um modo geral, com as aulas de música haverá a socialização de diversidades, ao se interagir eles desenvolverão e irão conhecer outras culturas e automaticamente não causará mais estranheza e aceitaram as diferenças do próximo.

CAPITULO 3

MÚSICA NA ESCOLA: DOCUMENTOS OFICIAIS

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 1996), E a Lei Federal 9394/1996, definem que os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela (art.26).

No § 1º, descreve o que se refere o caput terá que obrigatoriamente abranger o estudo da língua portuguesa e da matemática, como também o conhecimento do mundo natural e físico a política e realidade social do Brasil.

E no § 2º o ensino da arte, destacando-se suas expressões regionais, tendo em vista os componentes curriculares obrigatórios em variados níveis de educação básica, com desenvolvimento cultural dos alunos, (Redação dada pela Lei nº 12.287, de 2010). Esse § 6º que está no artigo 26 acrescentado pela lei nº 11.769/08 afirma que a música será obrigatória, portanto destaca que “os sistemas de ensino terão três anos letivos para se adequarem as cobranças estabelecidas nesse parágrafo”. (Artigo 3º da lei nº11.769/08).

Na Lei das Diretrizes e Base da Educação Nacional no artigo 26, ganha então uma nova redação pela Lei 1.287, de 13 de julho de 2010 que acarretou a alteração na Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional no que se trata a respeito do Ensino da Arte.

3.1 A Lei 11.769

Assim como determina a Lei 11.769 que foi sancionada no dia 18 de agosto de 2008, a obrigatoriedade do ensino da música nas escolas de educação básica, e de grande sucesso a aprovação da lei para área da educação musical no país, contudo terá que passar por muitos desafios para que possa ter sugestões consistentes de ensino de músicas nas escolas de educação básica.

Porém a ABEM¹ Associação Brasileira de Educação Musical, tem agido diretamente na organização dos Congressos fóruns, e publicações científica que têm colaborado para as discussões, reflexões em relação ao aprendizado musical nas escolas. A associação tem

¹ Musical- ABEM. <http://abemeducacaomusical.com.br/artsg2.asp?id=20>

através de ações da diretoria e sócios tomando parte do cenário político de implementações da lei, na discussão de diferentes segmentos políticos-educacionais, que atua na educação brasileira.

O Brasil tem uma grande riqueza cultural e artística, mas será favorecido quando for de fato incorporada no seu projeto educacional, isso só será possível quando a escola e o ambiente que trabalham com a educação começar a valorizar e incorporar também, conteúdo e ações culturais que este presente na diversidade social.

Assim, Magali Oliveira Kleber (2013) e a favor a lei mesmo sabendo que haverá demora em cumprir de fato o ensino de música no projeto da escola, por falta de profissionais suficiente para a implementação. O MEC Ministério da Educação e Cultura vem investindo na capacitação dos profissionais na área da Educação Básica para que possa reverter esse caso e uma fase muito importante para se pensar em um projeto educacional, no ensino das artes nos projetos vem com propostas novas com que a expressão cultural e artística que são reconhecidas como únicas no sentido de requerer o desenvolvimento humano.

Os valores das culturas locais devem juntamente estar presentes com o conhecimento musical que faz parte do patrimônio que e uma herança da sociedade.

Conforme Kleber (2013) dessa forma a lei favorece tanto para uma discussão para que haja um melhoramento na educação brasileira quanto para dar a oportunidade de que planeje essa inclusão no sistema educacional brasileiro, pois a música está vinculada ao exercício de cidadania cultural, um direito de todo brasileiro, a escola, porém e um local onde tem acesso a toda população, portanto para cada grupo de individuo a pratica musical se torna um fator favorável para a sua mudança. Contudo contar com que os valores musicais no processo pedagógico-musical podem ser um ponto positivo para um trabalho de transformação, de ser músico ou de participar de um grupo musical. Destaca FIGUEIREDO (2000) que:

O resultado evidente deste processo é a aprovação da lei 11.769/2008 que “dispõe sobre a obrigatoriedade da música na educação básica” (BRASIL, 2008). Concretamente a lei representa um avanço para a educação musical no Brasil, já que estabelece a presença da música no currículo escolar de forma inequívoca. De certa forma, a falta de clareza do parágrafo 2º do artigo 26 da LDB foi minimizada com a nova lei, porque agora se evidencia que a música é uma das artes que devem fazer parte do currículo obrigatório das escolas. O texto da lei traz a música como conteúdo obrigatório, “mas não exclusivo” (BRASIL, 2008: art. 1º), indicando que outras artes também devem fazer parte da formação escolar. (FIGUEIREDO, 2000, s/p).

Já, João Cardoso Palma Filho (2013) destaca que com a reforma educacional pelo regime militar 1970 (Lei 5.692/71), deixa de existir o ensino da música no 1º e 2º grau, portanto no ensino de artes passa a ser obrigatório, mas em São Paulo fica conhecida como atividade não como disciplina. Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação a educação artística passa a ser o ensino de artes e continua sendo um componente curricular obrigatório no ensino da educação básica.

O MEC divulga os Parâmetros Curriculares para o ensino de artes, considerando as linguagens de Artes Visuais, Teatro, Música e Dança, juntamente inicia-se um método de encerramento no curso de educação artística, que foi incluído para formar professores multidisciplinares; e uma ideia de curso especializado em uma das linguagens uma delas a educação musical. Portanto a maioria dos professores é habilitada em educação artística e especializada em artes plásticas ou visuais, na atuação não aparecem às outras linguagens não aparecem no currículo escolar, às coisas mudam a partir da Lei Federal nº 11.769 em 2008 inclui um parágrafo 6º tornando o ensino da música no componente curricular ensino de artes, obrigatório o conteúdo, mas não exclusivo previsto no § 2º do artigo 26 da LDB de 1996.

Assim sendo que o problema a ser enfrentada está na formação de profissionais no ensino da música, essa questão levará bem mais de três anos que foi estabelecida pela legislação, pois assim visto que tem pouco curso de licenciatura em música no Brasil.

3.2 Os parâmetros Curriculares Nacionais (PCN ARTES)

Os PCN de Artes (1998 p. 78,88) terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental afirmam que não é difícil percebermos o interesse das crianças, adolescentes e jovens pela música. Com o desenvolvimento tecnológico, nas últimas décadas, tem-se presenciado a profunda modificação no pensamento, na vida, no gosto desses sujeitos pela música. Pois, com o advento de novos paradigmas perceptivos, novas relações tempo e espaço, múltiplos interesses, poderes, modos tecnológicos de comunicação, verificam-se as transformações mais variadas que se processam simultaneamente, trazendo outras relações entre os jovens, às máquinas e os sons.

Os PCN de Artes (1998 p. 78,88) reforçam que múltiplos ritmos invadem o mundo dos estudantes desde muito cedo. As famílias não têm mais o controle daquilo que chega aos filhos devido aos variados meios que os sons e ritmos de pulsação excitante e envolvente da música chegam até elas, sendo um dos elementos formadores de vários grupos que se

distinguem pelas roupas que vestem, pelo comportamento que os identificam e pelos estilos musicais de sua preferência: rock, Techno, dance, reggae, pagode, rap, entre tantos outros.

Nesse contexto de constante transformação está a escola. É uma pergunta que nunca se silencia é de “como a escola lida com esses alunos” à escola vive num constante repensar de suas práticas e conceitos, acreditando que é necessário procurar e repensar caminhos que nos ajudem a desenvolver uma educação musical que considere o mundo em que vivemos em suas características e possibilidades culturais. Mas o desafio é enorme: como fazer uma educação musical que parta do conhecimento e das experiências que o jovem traz de seu cotidiano, de seu meio sociocultural e que saiba contribuir para a humanização de seus alunos?

Os PCN de Artes (1998 p. 78,88) ressaltam que aquilo que ocorre fora da escola, no cotidiano dos nossos alunos, a atuação dos grupos musicais da localidade e da região, a participação em eventos musicais da cultura popular, shows, concertos, festivais, apresentações musicais diversas podem oferecer a escola, aos professores e aos alunos possibilidades de desenvolvimento estético e musical por meio de variadas apreciações artísticas. A partir dessas múltiplas experiências, o como e quando trabalhar os vários tipos de música levados para a sala de aula vai depender das opções feitas pelo professor, tendo em vista os alunos, suas vivências e o meio ambiente, e vai depender da bagagem que ele traz consigo: vai depender de seu “saber música” e “saber ser professor de música”.

Nesse trabalho de sala de aula, tanto nas aulas de música, como em outras situações de aprendizagem é importante ir trabalhando com a percepção dos sons do meio ambiente, procurando estudar os sons quanto à sua propagação e densidade em espaços diferenciados, buscando desenvolver no aluno uma atitude crítica diante das consequências da poluição sonora para o organismo humano, bem como maior sensibilidade e consciência até o meio ambiente em que se vive. Pois, aprender a sentir, expressar e pensar a realidade sonora ao redor do ser humano, que constantemente se modifica nessa rede tecnológica e social em que se encontra, auxilia a criança, o adolescente e o jovem em fase de escolarização básica a desenvolver capacidades, habilidades e competências em música.

Os PCN de Artes (1998 p. 78,88) destacam que, portanto, é papel da escola ajudar que o estudante a ir construindo sua competência artística nessa linguagem, sabendo comunicar-se e expressar-se musicalmente, desenvolvendo e conectando o seu imaginário e a sua fantasia aos processos de criação, interpretação e fruição, para desenvolver o poético, a dimensão sensível que a música traz ao ser humano.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), no seu volume PCN ARTES, (1998, p. 78,88) determina para a Música os seguintes objetivos gerais:

Alcançar o ponto crucial da música, ritmo, melodia, harmonia, timbre, improvisação, desenvolver a memória, audição e a interpretação musical. Trabalhando também a grafia e a leitura musical desenvolver a produção própria, juntamente com instrumentos musicais, vozes, e percussão, utilizando técnicas vocais e instrumentais, e apreciar músicas próprio meio sociocultural e as internacionais, respeitar as variadas manifestações musicais. Valorização de diversas culturas análise sobre diferenças musicais e as suas influências, do contexto sociocultural, conhecimento sobre as funções das músicas de época e sociedades ampliar a sensibilidade musical estética-crítica musical, utilizando conhecimento ecológico acústico trabalhando com a “paisagem sonora” adquirir conhecimento sobre profissionais no âmbito musical. (PCN ARTES,1998, p. 81,82).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), no seu volume PCN ARTES (1998 p. 82,83), determina para a área de conhecimento Música os seguintes Conteúdos:

Expressão e comunicação em Música: improvisação, composição e interpretação:

Os PCN de Artes utilizam um ou mais sistemas musicais: modal, e tonal e outros, utilizar os elementos de linguagem musical questões pessoais e grupais, improvisação e composição da própria linguagem música, paisagem sonora época históricas percepção visual e tátil, construção de instrumentos musicais de materiais alternativos, convencionais e não convencionais, desenvolver a valorização da leitura musical, desenvolvendo autoconfiança, acompanhamento criação, arranjos musicais estabelecendo relações de respeito e diálogo interpretação de músicas das culturas populares brasileiras.

Apreciação significativa em Música: escuta envolvimento e compreensão da linguagem musical: Desenvolve uma escuta musical e as manifestações através da música. Desenvolve a percepção musical, análise musical, elementos musical tal como: estilo, formato, motivo, andamento, textura, timbre, dinâmica, adequando ao vocabulário, sistema modal, tonal, apresentam compreensão estéticas musicais referenciadas, a relação da música no meio da sociedade faz com se relacione e se socialize com modalidades artísticas diferenciadas com trocas de conhecimento, debate sobre as músicas popular brasileiras, e internacionais, observando semelhanças diferenças, reflexões sobre o efeito causado, malefícios e benefícios, discussões, sobre o que o cotidiano do aluno na parte musical o que ouve, e qual e o grau de conhecimento musical, conhecimento sobre o músico, regente, compositor, cantor, discríção sobre sua função.

Compreensão da Música como produto cultural e histórico: com grupo de diferentes etnias, identifica a modificação do sistema musical tais como: modal, tonal, e serial, conhecimento da transformação da linguagem musical, conhecimento de vários estilos musicais de várias culturas diferente, e épocas em que foram compostas, reflexão sobre discriminação de gêneros, de diferentes culturas, e épocas. Discussão sobre várias formas de registros

diferentes e cuidados, tais como: CD, disco, fita, partituras, vários outros, comparação das variações que ouve no decorrer da época, (PCN ARTES).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), no seu volume PCN ARTES(1998 p.78,88) determinam para o campo de conhecimento Música, os seguintes critérios de avaliação em Música: criação e a interpretação utilizando instrumentos, ou técnica vocal; socialização trabalha em equipe, respeito com o colega, se tem o conhecimento básico da linguagem musical, estilo e épocas, valorização dessas diversidades sem preconceito cultural, o reconhecimento e a comparação dos elementos musicais, a identificação andamento, textura, motivo, timbre, e vocabulário usado, a utilização da tecnologia com o mercado cultural, as formas de consumo da música, funções e formas e analisa-las e discuti-las conhecimento do aluno análise crítica e o conhecimento com a cultura das mídias.

Portanto deve-se trabalhar a músicas nas escolas, pois esse trabalho e muito importante para o aluno na fase escolar, assim ele conheceu vários ritmos, estilos, histórias de compositores, maestro famosos, se identificará com a música, assim apreciará os ritmos musicais diferenciados, conhecendo novo falares, sotaques de várias regiões. Para o aluno e muito importante ter esse contato com essas diferenças linguísticas, pois a valorização dessas diversidades não acarretará o preconceito cultural, trazendo para os alunos vários benefícios citar alguns como: coordenação motora, socialização, aprender a sentir, expressar e pensar a realidade sonora ao redor do ser humano estimula o gosto musical. Podendo assim trabalhar no ensino musical de várias formas como: analise das músicas das regiões diferentes (variações linguísticas), a vida dos maestros e compositores, a história da música, música como poema e poesia, e também a música em si, apresentando os alunos a vários instrumentos musicais, metais (sopro), e instrumentos harmônicos ao haver a identificação o aluno irá a aprender a leitura musical, que é a linguagem musical e a nova leitura com o conhecimento da escrita musical.

CAPITULO 4

METODOLOGIA E ANÁLISE

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa. “À pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa com nível de realidade que não pode ser quantificado” (Minayo, 1994, p.53). “A principal característica das pesquisas qualitativas é o fato de que estas seguem a tradição compreensiva ou interpretativa” (Patton, 1986 apud Alves-Mazzotti e Gewandsznajder, 1998 p.131). Todo trabalho científico começa com uma pesquisa bibliográfica, que consente ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o trabalho (FONSECA, 2002, p. 32).

No quesito objetivo o trabalho assumirá um teor explicativo enquanto do ponto de vista dos procedimentos técnicos abordará uma configuração bibliográfica com especial atenção ao campo das ciências sociais.

De acordo com Minayo (1994, p. 61-62) uma pesquisa qualitativa envolve situações particulares do indivíduo e a forma como o mesmo se relaciona no local onde convive. Como parte da metodologia será realizada a análise de músicas, ou de conteúdo. A análise teve uma abordagem qualitativa, acerca das mensagens produzidas, preocupando-se com o pensamento do sujeito. Para Moraes,

A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum, (MORAES, 1999, p.7-32).

De acordo com o mesmo autor é um tipo de pesquisa da qual se realiza uma busca teórica, do ponto de vista da sua natureza, a presente pesquisa será desenvolvida de forma aplicada. No que tange a abordagem do problema a mesma terá uma forma qualitativa, “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares”. Sendo assim, realizou-se a análise de músicas de três diferentes regiões brasileiras, para auxiliar na compreensão da análise linguística, sendo elas: “Tristeza do Jeca” Tonico e Tinoco “Asa Branca” Luiz Gonzaga “Canto do Alegretense” Antônio Fagundes/Bagre Fagundes, identificado às variedades linguísticas de todas as músicas, mostrando como podemos utilizar em sala de aula, mostrando a riqueza cultural das regiões.

4.1 novas possibilidades

Este tópico se propõe especificamente para a análise de algumas músicas trabalhadas com os alunos no ambiente escolar. Nelas observarem-se as diferenças na forma de falar de cada povo das diferentes regiões do Brasil, traz também o típico linguajar do povo da roça, do sertão brasileiro, fala simples e humilde deste povo. A primeira música a ser analisada é Tristeza do Jeca de Tônico e Tinoco falando do sertão onde nasceu.

4.1.1 Análise da Canção I: Tristeza do Jeca

Tônico e Tinoco²

Nestes verso tão singelo
Minha bela, meu amor
Pra você quero contar
O meu sofrer e a minha dor Eu
sô que nem sabiá
Quando canta é só tristeza
Desde um galho onde ele está

Nesta viola eu canto e gemo de verdade
Cada toada representa uma saudade

Eu nasci naquela serra Num
ranchinho beira chão
Todo cheio de buraco
Onde a lua fai clarão
Quando chega a madrugada
Lá na mata a passarada
Principía um barulhão

Nesta viola eu canto e gemo de verdade
Cada toada representa uma saudade

Vou parar cua minha viola já não posso mais cantar
Pois um jeca quando canta têm vontade de chorar
O choro que vai caíndo
Devagar vai se sumindo
Como as água vão pro mar

² <http://www.eternasmusicas.com/2015/04/tristeza-do-jeca.html>

Esta é uma canção escrita na década de 18 por Angelino de Oliveira, considerada um clássico da música sertaneja brasileira. Diferentes cantores a gravaram: Almir Sater, Sérgio Reis, Zezé Di Camargo e Luciano, Chitãozinho e Xororó, Inezita Barroso, Pena Branca & Xavantinho, Sérgio Reis, Paçoca, Zico & Zeca, Irmãs Galvão, entre outros.

A música traz intertextualidade, pois Jeca foi um personagem das histórias de Monteiro Lobato, (1914), popularmente conhecido como Jeca Tatu, símbolo das mazelas e da pobreza do povo do sertão daquela época. A música retrata a tristeza, e o sofrimento da vida no mato, em que o jeito de falar também tem uma entonação de tristeza. Podendo então inserir a música dentro da literatura para que possa explorar a linguagem sotaques, vício de fala, que é utilizada na música, linguagem típica da região. Outro fator que podemos levar em conta é o fato de Jeca possuir uma conotação pejorativa, pois o sujeito desde as histórias de Lobato é considerado, preguiçoso, rude, descuidado.

A linguagem da música *Tristeza do jeca* representa uma tipificação regional, ou seja, a típica língua caipira, desprezando a concordância como, por exemplo, versos singelos, palavras reduzidas, são por *sô*, galho, por gaio, geralmente se encontra em regiões mais afastadas dos grandes centros. Esta é uma linguagem que difere da modalidade considerada culta ou padrão. É importante lembrar que de acordo com os PCNs:

A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam - se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum considerar as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. (1997.p.26).

Inúmeros são os elementos passivos de ser trabalhada com esta música, letra melodia, concordância, diferenças regionais da fala da população, a riqueza cultural do interior do país.

Pode-se trabalhar a análise das músicas de cada região do Brasil, analisar a escrita, fala, e as variações linguísticas, que ocorre no meio da música, com intuito de que o aluno fique ciente de que cada região a um contexto de linguagens diferenciadas, proporcionando para que os mesmos percebam as diferentes formas de falar do Brasil, aprendendo a respeitar cada uma delas, pois a palavra preconceito significa “pré” conhecimento de algo, a partir do momento em que se estuda a fundo um determinado assunto assim passa-se a adquirir respeito não discriminação.

4.1.2 Análise da Canção II: Asa Branca

Asa Branca³

Luiz Gonzaga Humberto Teixeira

Quando oiei a terra ardendo
Qual fogueira de São João Eu
perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação

Que braseiro, que fornaia
Nem um pé de prantação
Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão

Por farta d'água perdi meu gado Morreu
de sede meu alazão

Inté mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Depois eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração

Depois eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração

Hoje longe, muitas légua
Numa triste solidão Espero a
chuva cair de novo
Pra mim vortar pro meu sertão

Espero a chuva cair de novo
Pra mim vortar pro meu sertão

Quando o verde dos teus óio
Se espaiar na prantação
Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu
Meu coração

Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu Meu
coração.

³ <http://www.eternasmusicas.com/search?q=asa+branca>

É uma típica canção nordestina escrita por Luiz Gonzaga no ano de 1947, descreve o triste cenário, produzido pela seca no Nordeste e a dificuldade vivida pela população da região, onde inúmeras famílias migraram de região em busca de uma vida melhor. O tema é composto também por questões religiosas, quando clama a Deus sobre porque tanto sofrimento, e muita rica a questão religiosa nordestina, suas manifestações folclóricas e populares, são muito diversificadas suas crenças, comportamentos, festas e vestuário, e muito originais, essa diversidade e influência europeia, indígenas e africanas, varia de estado para estado às tradições e costumes. Na canção mostra que a seca do nordeste e questão geográfica e climática, trazendo o conformismo do povo nordestino, mas vai, além disso, essa problemática está nas questões da ordem social e política, como destaca Rebouças (1997):

Luiz reproduz a mesma mentalidade ingênua de seu povo, visualizando a pobreza nordestina como algo advindo das condições geográficas do lugar, quando na verdade, uma distribuição responsável dos recursos hídricos do Nordeste seria suficiente para garantir a todas as condições básicas de subsistência e de desenvolvimento, ou seja, o problema da seca, longe de ser uma questão de escassez, é um problema de gestão (REBOUÇAS, 1997).

Quando faz a comparação do intenso calor com a fogueira de São João, festa típica em todo o Brasil, mas em especial na região nordestina, bem como fala na morte do cavalo Alazão, animal comum na região usado como meio de transporte. Em síntese a música retrata a triste história nordestina, marca pela seca, pelo desemprego, e outras questões culturais que repercutem na formação cultural e linguística da região.

A letra da música apresenta uma variedade na forma como a mesma é falada, representando a típica fala da região nordestina. Ocorre a troca de letras como o lh, em olhei, por oiei, o l substituído pelo r, em prantação, vortarei, vortá, troca da posição da letra em perguntei, deixando clara a cultura regional.

Observando a variedade linguística e importante lembrar a fala de Alkmim, ressaltando que:

Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exibe sempre variações. Pode-se afirmar mesmo que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea. Isso significa dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades. Concretamente: o que chamamos de “língua portuguesa” engloba os diferentes modos de falar utilizado pelo conjunto de seus falantes do Brasil [...] (ALKMIM, 2001, p.33).

A língua varia e vai criando um território, uma regionalidade, a mesma estabelece também certa hierarquia social dependendo do local em que o indivíduo se encontra.

Nessa canção tem um traço muito marcante da região boa para ser explorado em sala de aula, trabalhar suas variantes, traços linguísticos, e a histórias da região, a músicas de Luiz Gonzaga, mostram alguns fatores interessantes da história nordestina seca, sofrimento da espera pela chuva, religiosidades, políticos e sociais e também em sua maneira de falar, pois a língua como um elemento social muda de acordo com a sociedade e os seus desdobramentos. É de suma importância os alunos ter essas informações sobre a cultura nordestina para que possam respeitar as diferenças de cada de cada região, pois cada qual carrega uma história e cultura diferenciada.

4.1.3 Análise da Canção III: Canto Alegretense

Canto Alegretense

Compositor: Antônio Fagundes/Bagre Fagundes

Não me perguntes onde fica o Alegrete
Segue o rumo do teu próprio coração
Cruzarás pela estrada algum ginete
E ouvirás toque de gaita e violão

Prá quem chega de Rosário ao fim da tarde
Ou quem vem de Uruguaiana de manhã
Tem o sol como uma brasa que ainda arde
Mergulhada no Rio Ibirapuitã
(refrão)
Ouve o canto gauchesco e brasileiro
Desta terra que eu amei desde guri

Flor de tuna, camoatim de mel campeiro
Pedra moura das quebradas do Inhanduí

E na hora derradeira que eu mereça
Ver o sol alegretense entardecer
Como os potros vou virar minha cabeça
Para os pagos no momento de morrer

E nos olhos vou levar o encantamento
Desta terra que eu amei com devoção
Cada verso que eu componho é um pagamento
De uma dívida de amor e gratidão⁴

⁴ <https://www.lettras.mus.br/os-serranos/162844/>

A música Canto Alegretense, enaltece o Rio Grande do Sul. É importante lembrar que a cultura sulina é muito forte, e encontra-se espalhada pelo Brasil todo. Está é mais uma das típicas músicas rio-grandenses, falando das belezas naturais encontradas neste estado, bem como a paixão pela música. No aspecto linguístico, a letra apresenta algumas particularidades do linguajar sulista, fala de coisas típicas da região, como o camotim de mel campeiro, uma espécie de vespa que produz mel.

O compositor fala da hora de como deseja que seja a hora de sua morte, que seja como os potros, ou seja, uma morte tranquila, admirando a natureza, diz que nos olhos levara o encanto da terra amada, encerra dizendo que seus versos são devidas de gratidão para com o local onde vive.

Quanto à linguagem utilizada nota-se o linguajar típico do Rio Grande do Sul, como por exemplo, a palavra guri, que significa menino, quebradas, referindo-se a terrenos irregulares, potros significando cavalos, pagos, significa campos, fazenda, pastagens.

No aspecto da letra apresenta algumas particularidades da região sulista, como o Alegrete que é um município da fronteira do Rio Grande do Sul, “*Não me perguntes onde fica o Alegrete Segue o rumo do teu próprio coração...*” destaca aqui que o próprio coração levará até a cidade amada, ginete que significa um bom cavaleiro, domador, que participa de gineteadas (concurso de doma) “*Cruzarás pela estrada algum ginete...*” ele se refere em encontrar algum cavaleiro, ou domador. Nessa frase ele mostra as belezas naturais da cidade “*Prá quem chega de Rosário ao fim da tarde Ou quem vem de Uruguaiana de manhã Tem o sol como uma brasa que ainda arde Mergulhada no Rio Ibirapuitã...*” Rosário do Sul cidade ao Leste Alegrete, quem chega de Rosário ao Alegrete no fim da tarde vê o sol se pondo sobre o Rio Ubirapuitã. Uruguaiana faz fronteira com Argentina ao oeste de Alegrete de manhã vê o sol nascendo sobre Ubirapuitã.

Já o Ibirapuitã e um rio que banha o Alegrete nascem em Santana do livramento.

Inhanduy rio onde nas margens surgiram as primeiras casas de Alegrete. Nesse trecho refere-se às pedras do rio Inhandui onde iniciaram nas margens as primeiras habitações.

“*Pedra moura das quebradas do Inhanduí*” pedra que se encontra nas margens do rio e chamada de moura pela sua cor escura nessa canção se refere às pedras do rio Inhandui.

Flor de Tuna e a flor de uma espécie de cactus, “*Flor de tuna, camoatim de mel campeiro*” Camoatim e uma espécie de abelha ou vespa que produz mel.

Na letra da canção Canto Alegretense destaca bem a beleza da região, mostrando nas letras da canção as maravilhas da natureza das cidades, mostrando todo amor que sente da cidade amada em cada detalhe da natureza.

Há ainda um traço muito marcante da região sulista boa para serem estudados em sala de aula, aprendendo então a língua formal e não formal, suas belezas da região, seus traços

linguísticos, assim aprofundar nas belas histórias da região, a música *Canto do Alegrete*, mostram alguns fatores interessantes como fenômeno da natureza sulista, rios, costumes, história da cidade Alegrete, e também em sua maneira de falar, sotaques, pois a língua muda de acordo com a sociedade de regiões diferentes. É muito importante os alunos terem o conhecimento sobre a cultura sulista para que assim possam respeitar suas diferenças, pois cada região carrega uma história e cultura brasileira muito rica e importante para toda a sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O Brasil pode ser considerado um país de dimensões continentais, diante disso as variedades linguísticas também são inúmeras, como pode ser observado claramente no próprio estado de Mato Grosso, onde a fala do povo da baixada cuiabana se diferencia da fala dos demais que vieram para colonizar o estado. Esta mesma referência acontece em todo o Brasil, são inúmeros os dialetos e as formas de falar.

A proposta da pesquisa é mostrar nas canções apresentadas como identifica-se o sotaque, os vícios de linguagem, as características da região e do seu povo, trazendo para os educandos as diferenças entre as regiões, através da música, assim acrescentando em seu conhecimento das diferentes falas e sotaque de várias regiões, desenvolvendo a socialização, e sanando o preconceito linguístico, pois com o contato com as músicas regionais os sotaques e vício de fala se tornara natural para o educando, assim conhecendo as histórias de cada região.

Além de a música trabalhar a sociolinguística o vício de linguagens, sotaques e falares a música também trabalha a coordenação motora, criatividade, socialização, autoestima, expressar através da linguagem os sentimentos e emoções, a sensibilidade, assim a música favorecer diversas áreas do aluno que inclui sensibilidade, raciocínio, e também resgatando uma área muito importante os elementos da cultura de todos os povos.

Conclui-se que trabalhar com música significa inserir a o aluno em um contexto de linguagens diferenciadas, proporcionando para que os mesmos percebam as diferentes formas de falar do Brasil, aprendendo a respeitar cada uma delas. A música trabalhada no contexto de educacional possibilita ao aluno desenvolver a leitura, fala e socialização, além de aprender sobre diversas culturas de diferentes povos.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. Parte I. In: MUSSALIM, F; BENTES, A.C.(orgs). **Introdução a linguística: domínios e fronteiras**. v. 1. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001 p.33.
- BAGNO, Marcos. A Língua de **Eulália**. **Novela Sociolinguística**. Ed. Contexto. 1997.
- BAGNO; Marcos. São Paulo, Edições Loyola, 1998.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico: O que é, como se faz**. Ed. Loyola. 1999.
- BARRETO, Sidirley de Jesus. **Psicomotricidade: educação e reeducação**. 2. ed. Blumenau: Acadêmica, 2000.
- BASTIÃO, Zuraída Abud. **Apreciação Musical, Repensando Práticas Pedagógicas**. XII Encontro Anual da ABEM. Florianópolis: ABEM, 2003, pp. 883-896.
- BEINEKE, Viviane. Teoria e prática pedagógica: encontros e desencontros na formação de professores. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, nº 6, p. 87-95, set. 2001.
- BORGES, Teresa Maria Machado. **A criança em idade pré-escolar: desenvolvimento e educação**. 3ªed. Revisada e atualizada. Rio de Janeiro, 2003.
- BORIN, Maísa Augusta. **Sociolinguística. Santa Maria RS: Universidade Federal de Santa Maria centro de artes e letras, curso de graduação de letras/português**. 2002.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa /Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental artes /Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: 1998 p. 78,88.
- BRASIL. Lei nº. 11.769, 18 de agosto de 2008. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF**. 19.8.2008.
- BRESLER, L. **Traditions and change across the arts: case studies of arts education**. International Journal of Music Education, n. 27,1996.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2005.
- CAMPBELL, P. S. **Songs in their heads**. New York: Oxford University Press, 1998.
- CASTILHO, A . T. de. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1998.
- DEL BEN, Luciana; HENTSCHEKE, Liane. **Educação musical escolar: uma investigação a partir das concepções e ações de três professores de música**. Revista da ABEM. Porto Alegre, v.13, 2002.

FERREIRA, Martins. **Como usar a música em sala de aula**. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2002.

FIGUEIREDO, S. L. F. **Documento referente à elaboração de currículos - Música**. In Subsídios para a reorganização didática no ensino fundamental (p. 233-249). Florianópolis: Secretaria Municipal de Educação, 2000.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREIRE, V. L. B. **Música e sociedade: uma perspectiva histórica e uma reflexão aplicada ao ensino superior de música**. Porto Alegre: ABEM, 1992. (Série Teses 1).

GIFFORD, E. F. **An Australian rationale for music education revisited**: a discussion on the role of music in the curriculum. *British Journal of Music Education*, v. 5, n. 2, p. 115-140, 1988.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

HUMMES, J. **As funções do ensino de música, sob a ótica da direção escolar**: um estudo nas escolas de Montenegro/RS. Dissertação (Mestrado em Educação Musical)– Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

JEANDOT, Nicole. **Explorando o universo da música**. São Paulo: Scipione, 1997.

MERRIAM, A. O. **The anthropology of music**. Evanston: Northwestern University Press, 1964.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOLLICA, M. Cecília (org.). **Introdução à Sociolinguística Variacionista**. Cadernos didáticos. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ. 1992.

MOLLICA. **Influência da fala na alfabetização**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1998.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOURA. A fala e a escrita na sala de aula – uma questão para a Linguística e para o ensino de língua. In: ABRALIN: **Associação Brasileira de Linguística** – Maceió: Boletim 18, Imprensa Universitária/UFAL. 1996. p.72-76.

MOURA. (org.). **Variação e ensino**. Maceió: EDUFAL, 1997.

MOURA. Língua falada e ensino. In: MOURA, Maria Denilda (org.). **Os múltiplos usos da língua**. Maceió: EUFAL.1999. p.61-63.

PAZ, Ermelinda A. **Pedagogia musical brasileira no século XX: metodologias e tendências**. Brasília: MusMed, 2000.

PENNA, Maura. Música (s) e seu ensino. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

Prof. Dr. João Cardoso Palma Filho: **Doutor em Educação** e membro do Conselho Estadual de Educação. Professor Titular no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – UNESP 2013.

Prof. Dra. Magali Oliveira Kleber: **Doutora em Educação Musical**, Professora Adjunta da Universidade Estadual de Londrina e Presidente da Associação Brasileira de Educação 2013.

RAMOS, Jânia M. O espaço da oralidade na sala de aula. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

REBOUÇAS, Aldo da C. **Água na região Nordeste: desperdício e escassez**. Estudos avançados. vol. 11, n. 29, p. 127-154, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v11n29/v11n29a07.pdf>. Acesso em: 12/10/ 2016.

ROSA, Nereide Shilaro Santa. **Educação Musical para a Pré-Escola**. Editora **Ática**, 1990
SANTOS, M. B.; CAVACANTE, M. A da Silva. Contribuição da Teoria da Variação Lingüística ao ensino de Língua Portuguesa.

SOUZA, J. dos S. **Concepções e Propostas da CUT e da Força Sindical para a Educação Brasileira** – Anos 90. 2000

SCHERRE (1996a). Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. In: SILVA, G. M. de O. e & SCHERRE, M. M. P. (orgs.). **Padrões sociolingüísticos: análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. pp. 85-117.

SWANWICK, K. **Music as culture**. 1997. Disponível em:
<<http://www.nyu.edu/education/music/mayday/maydaygroup/papers/swanwick1a.htm>>. Acesso em: 27 set. 2016.

SWANWICK, K. **Ensinando música musicalmente**. Rio de Janeiro: Moderna, 2003.

TARALLO, Fernando (org.). **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas: Ed. Pontes, 1989.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolingüística**. São Paulo. Ática. 1990.

TOURINHO, I. **Música e controle: necessidade e utilidade da música nos ambientes ritualísticos das instituições escolares**. Em Pauta, Porto Alegre, ano 5, n. 7, 1993^a.

WEIGEL, Anna Maria Gonçalves. **Brincando de Música: Experiências com Sons, Ritmos, Música e Movimentos na Pré-Escola**. Porto Alegre: Kuarup, 1988.